

A partir do levantamento bibliográfico sobre a noção de paisagem e sobre o pintor e o modernismo brasileiro, ensaiou-se uma perspectiva interpretativa das pinturas de paisagem de Alberto da Veiga Guignard (1896-1962). Para isso, foi privilegiado o critério de uma *experiência* efetiva da presença das obras, em exposição. A pesquisa se propôs sondar como as noções de *imaginação* e *matéria* aparecem e se articulam em Guignard como formas de poetizar o espaço, de maneira a conceber um caráter pictórico singular, manifesto na centralidade conferida à paisagem. Uma paisagem, no entanto, lírica e onírica, na qual predomina uma dissolução crescente dos contornos, uma instabilidade da forma e uma ênfase às luminosidades e à cor, tratadas através de uma rarefação crescente, de maneira a arrancar a matéria de sua solidez, fazendo-a participar de um devaneio poético fluido e rarefeito. A passagem à centralidade da paisagem parece estar marcada por mudanças técnicas e temáticas. Através da paisagem, Guignard continua a tratar dos signos do nacional, no entanto de forma menos 'pragmática' e absoluta do que aquela que foi, em geral, a dos modernistas de 1922. O pintor o faz através da transfiguração, fazendo-se mais lírico, e não centralizando as retóricas e narrativas grandiloqüentes da identidade, mas a imaginação, o espaço poético: um espaço esvaziado de sua referencialidade, e que se desrealiza (enquanto remetendo a um referente no real exterior à pintura), mas que se realiza enquanto poético.